



ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO MOSTEIRO DE S. MARTINHO DE TIBÃES

Campanha de Janeiro de 1997 a Fevereiro de 1998

Terreiro de S. João, Claustro do Refeitório e Claustro do Cemitério



RELATÓRIO CIENTÍFICO

Luís Fernando de Oliveira Fontes

TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS DA U.A.U.M. / MEMÓRIAS, N.º 52, 2015

Ficha Técnica

Editor: **UNIDADE DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO MINHO**
Edifício dos Congregados - Avenida Central, 100
P 4710-229 Braga

Direção: **LUÍS FONTES E MANUELA MARTINS**

Ano: **2015**

Suporte: **EM LINHA**

Endereço eletrónico: <https://www.uaum.uminho.pt/edicoes/revistas>

ISSN: **1647-5836**

Título: ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO MOSTEIRO DE S. MARTINHO DE TIBÃES. CAMPANHA DE JANEIRO DE 1997 A FEVEREIRO DE 1998. TERREIRO DE S. JOÃO, CLAUSTRO DO REFEITÓRIO E CLAUSTRO DO CEMITÉRIO. RELATÓRIO CIENTÍFICO

Autor: **LUÍS FERNANDO DE OLIVEIRA FONTES**



Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS

n.52

2015

ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO MOSTEIRO DE S. MARTINHO DE TIBÃES

Campanha de Janeiro de 1997 a Fevereiro de 1998

Terreiro de S. João, Claustro do Refeitório e Claustro do Cemitério

RELATÓRIO CIENTÍFICO

Luís Fernando de Oliveira Fontes
Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

Os responsáveis da intervenção arqueológica e subscritores do pedido de autorização de trabalhos arqueológicos reservam-se todos os direitos autorais, nos termos da legislação aplicável, designadamente os consagrados nos Decreto-Lei nº 332/97 e 334/97, de 27 de Novembro (que regulamenta os direitos de autor e direitos conexos) e a lei 50/2004, de 24 de Agosto (que transpõe para a ordem jurídica nacional a Diretiva nº 2001/29/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 22 de Maio, relativa a direitos de autor e conexos).

ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO MOSTEIRO DE S. MARTINHO DE TIBÃES

**Campanha de Janeiro de 1997 a Fevereiro de 1998
Terreiro de S. João, Claustro do Refeitório e Claustro
do Cemitério**

RELATÓRIO CIENTÍFICO

Luís Fernando de Oliveira Fontes

Braga - Tibães

Fevereiro de 1998

INDICE

1 - Introdução

2 - Resultados das escavações

3 - Considerações Finais

Ilustrações
(plantas e fotografias)

Anexos Documentais
(desenhos de campo)

1 - Introdução

Entre Janeiro de 1997 e Fevereiro de 1998 decorreu mais uma campanha de escavações arqueológicas no mosteiro de S. Martinho de Tibães. Conforme explicitado em relatórios e memorandos anteriores, a intervenção arqueológica visa fundamentalmente minimizar o impacte das amplas obras de consolidação, restauro e adaptação de que o edificado é objeto e que decorrerão até ao ano 2000. Subsidiariamente, os trabalhos arqueológicos visam a recolha de dados que permitam aumentar o conhecimento sobre a evolução arquitetónica do mosteiro.

Integralmente financiados pelo Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR) e executados pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, os trabalhos arqueológicos foram realizados, sob orientação do signatário, pela seguinte equipa:

Eurico Nuno Malheiro Machado e Arlindo da Rocha Pinheiro (equiparados a assistente de arqueólogo);

Arnaldo Gomes, Bruno Manuel R.M. Pereira, Jorge Oliveiros A. de Sousa, José Emílio C. Coelho, José Feliciano R. Alves, Manuel António R. Carneiro, Manuel José de S. Gomes, Maria Manuela R.M. Machado, Miguel Fernando Dias Veiga, Nuno Miguel A. Ferreira, Paulo Cristiano A. de Sousa e Sandra Cristina F. da Rocha (auxiliares técnicos).

No que concerne à metodologia dos trabalhos arqueológicos, seguiram-se os procedimentos descritos nos relatórios e memorandos anteriores. Quanto à organização do presente relatório, segue-se igualmente o modelo dos relatórios anteriores. Assim, como complemento à apresentação descritiva dos resultados, juntam-se várias plantas (ver Ilustrações) e fotografias (ver Ilustrações), bem como fotocópias de todos os desenhos de campo efetuados, ordenados por

zonas (ver Anexos). A documentação está depositada na Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho e no Museu do Mosteiro de S. Martinho de Tibães. O espólio encontra-se depositado nesta última instituição.

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 52, 2015

2 – Resultados das escavações

Nesta campanha os trabalhos arqueológicos de escavação incidiram no *Terreiro de S. João* (TSJ.1), *Claustro do Refeitório* (CR.6 e 7) e *Claustro do Cemitério* (CC.P.1, 4, 5, 9, 10, 50, 91, 95, 96, 100 e CC.G.18), abrangendo uma área superior a 110 m² e um volume de terras removidas da ordem dos 80 m³ (ver Fig.1).

Claustro do Refeitório (CR)

Completou-se a escavação, na ala nascente, do compartimento que havia sido delimitado na campanha anterior (CR.C6/7) – o pavimento de tijoleira ficou a descoberto em toda a sua extensão, revelando diversas ruturas provocadas pelo abandono subsequente ao incêndio de 1894 e por revolvimentos associados à ocupação privada, como é o caso dos buracos para colocação de postes para medas. Tal como referimos no anterior relatório, os elementos aqui recolhidos reforçam a interpretação de que a ala não se elevava acima do piso térreo, isto é, só teria o piso correspondente ao rés-do-chão.

O espólio aqui recolhido é quase todo cerâmico e provem das camadas de abandono da última ocupação, predominando os fabricos comuns e faianças dos finais do século XVIII.

Terreiro de S. João (TSJ)

Escavou-se um corte ao meio do lado nascente do terreiro, obtendo-se assim o prolongamento da leitura estratigráfica obtida no interior da ala arruinada do Noviciado (para efeitos de registo arqueológico foi designada *Sala.9*).

Para além de se pretender verificar o tipo de alicerçamento da parede que confronta com o terreiro (a que aparenta maiores problemas de estabilidade), era objetivo da escavação arqueológica confirmar ou infirmar a existência de fossas recortadas no solo natural de xisto, semelhantes às que se haviam identificado no corte S9.3.

Não se identificaram quaisquer fossas recortadas no xisto. Para além de se confirmar o alicerçamento da parede na rocha, constatou-se que toda a zona do atual terreiro possuiu uma cota mais elevada que recobria o embasamento do alicerce, constituindo então um espaço exterior ao edificado. Com a construção das novas alas Norte e poente do mosteiro este espaço passou a ser interior, configurando-se então o atual terreiro, que foi rebaixado em mais de um metro.

Na banda Oeste do corte escavado, pouco abaixo da superfície atual e atravessando-o diagonalmente no sentido SE / NO, identificou-se um rego aberto na terra, preenchido com materiais detríticos e terra de matriz arenosa grosseira – interpretamos estes vestígios como restos da levada de vazamento dos resíduos da cozinha, que funcionou antes da construção da que atualmente se conserva. Pela tipologia dos abundantes fragmentos de cerâmica aí recolhidos, esta levada terá funcionado até finais do século XVIII.

Claustro do Cemitério (CC.P e G)

A intervenção no *claustro do cemitério* tinha por objetivo verificar a existência de vestígios arqueológicos no subsolo, de modo a informar sobre as possibilidades e limitações da colocação de uma rede de drenagem de águas pluviais.

Embora os resultados de uma primeira sondagem arqueológica se tivessem revelado inconclusivos (cortes CC.P.1 e 2, realizados em

1994), as referências documentais sustentavam a manutenção de fundadas suspeitas da existência de ruínas do mosteiro medieval, sob as alas Norte e poente do atual *claustro do cemitério*.

Os trabalhos arqueológicos de escavação foram precedidos da elaboração de um rigoroso levantamento planimétrico do pavimento lajeado das galerias e pátio do claustro, à escala 1:50 (ver Fig.2). Para além de servir o registo arqueológico, este levantamento foi facultado às equipas projetistas que atuam no mosteiro de Tibães – a fidelidade e pormenor do desenho torna-o imprescindível para atuações que implicam a remoção do pavimento.

Escavaram-se aqui um total de 11 cortes, 10 no pátio e um ao centro da galeria nascente. Como se constata pela planta de localização dos cortes (ver Fig.1 e 2), a sua distribuição no pátio fez-se de forma dispersa e perimetral – deste modo procurou obter-se uma leitura alargada da estratigrafia, sondando simultaneamente os alicerces das arcarias do claustro e o sistema de drenagem oitocentista (que não funciona, por entupimento e rutura).

Corte CC.P.1 – Situado no canto NO do pátio do claustro, este corte foi escavado até à profundidade de 1,20 metros, sem que se tivesse atingido o solo natural. A densa sobreposição de estruturas na área do corte tornou recomendável a interrupção das decapagens, por ausência de área útil de trabalho. A abertura dos cortes contíguos possibilitará a conclusão da escavação.

Definiram-se com clareza os alicerces bem estruturados das arcarias do claustro setecentista, constituídos por um embasamento largo de alvenaria de blocos de pedra partida ligados com argamassa, incorporando inúmeros blocos de maiores dimensões, muitos deles aparelhados e reaproveitados de construções anteriores.

Os alicerces romperam uma estrutura p etra (Muro.1) que se desenvolve no lado poente paralelamente à galeria, conservando-se a face interna do que seria um embasamento construído em alvenaria miúda de pedra e argamassa.

No lado nascente identificou-se parte de uma outra estrutura p etra (Muro.2) formada por grandes silhares graníticos afei ados, definindo a face exterior de uma parede espessa, solidamente alicerçada em blocos de grandes dimensões. Esta estrutura dispõe-se no sentido N/S (mas com ligeira torço para NO, em rela o ao claustro atual e ao Muro.1), sendo sobreposta no lado Norte pelo alicerce setecentista; do lado Oeste a estratigrafia associada foi rompida pela estrutura que corre paralela e que descrevemos no parágrafo anterior.

Conjugando a leitura da sequência estratigráfico-construtiva com o escasso espólio cerâmico associado e ainda com a disposi o planimétrica das estruturas, interpretamos os vestígios correspondentes aos designados Muro.1 e Muro.2 como restos das paredes do lado poente dos claustros dos inícios da época Moderna e da Idade Média, respetivamente.

O espólio recolhido   exclusivamente cerâmico, com dominância de cerâmica de revestimento, em que se destacam tijoleiras de pequena dimensão com bordo biselado e azulejos de tipo "hispano- rabe", com cronologias em torno de finais do século XV / princípios do século XVI. Nas cerâmicas domésticas identificam-se fabricos comuns tardomedievais e modernos e algumas faianças tardias.

Corte CC.P.4 e 5 – Estes cortes situam-se ao centro do lado Norte do pátio e foram escavados até   rocha. Foi decapado primeiro o corte CC.P.5, identificando-se na metade nascente duas sepulturas

escavadas no xisto, uma delas denunciando uma cabeceira de forma antropomórfica, e na metade poente restos de um pavimento lajeado e parte de uma estrutura pétreia com aparelho em silharia granítica, em que se evidenciava um grande bloco com um Sulco escavado que sugeria tratar-se de uma soleira de porta. Para tentar perceber esta estrutura procedeu-se ao alargamento da zona de escavação, decapando-se o corte CC.P.4 – verificou-se que a estrutura pétreia se prolongava para Oeste, preenchendo toda a área do corte.

Ainda em CC.P.5, no lado nascente, logo por baixo do lajeado e em toda a extensão do corte, encontrou-se a canalização de drenagem da água do chafariz do claustro – trata-se de tubagem em manilhas de cerâmica, colocadas em vala estruturada por dois alinhamentos paralelos de pedras que definem uma espécie de levada, no interior da qual segue a referida tubagem; a cobertura é formada pelas próprias lajes do pavimento do claustro.

Também aqui ficaram visíveis os alicerces das arcarias do claustro setecentista, evidenciando-se o rompimento dos sedimentos e estruturas anteriores pela vala de fundação do embasamento, que apresenta aqui maior reaproveitamento de materiais construtivos de outras construções.

As sepulturas apresentavam-se revolvidas, sem qualquer tipo de cobertura: a do lado Sul continha apenas terra; a do lado Norte continha terra e restos osteológicos em muito mau estado de conservação, razão porque se suspendeu a escavação ao nível do seu aparecimento e se dispensou a sua recolha.

Tendo presente a disposição planimétrica das estruturas detetadas, em que releva, para as sepulturas, a orientação OSO/ENE, no mesmo alinhamento da estrutura e perpendicular ao Muro.2 identificado

em CC.P.1, bem como as suas características construtivas, propomos para estes vestígios uma cronologia igualmente medieval, relacionável com a ocupação do mosteiro entre finais do século XI e o século XV.

O espólio recolhido é exclusivamente cerâmico, identificando-se fabricos comuns tardomedievais e modernos, algumas faianças tardias e raros azulejos monocores de vidro estanhífero.

Por razões de segurança, relacionadas com a excessiva pluviosidade deste Inverno, estes dois cortes foram protegidos com tela geotêxtil e novamente aterrados com terra, para evitar a infiltração de águas sob os alicerces das arcarias do claustro.

Corte CC.P.9 e 10 – Estes dois cortes localizam-se no canto NE do pátio do claustro e foram escavados até à profundidade aproximada de 1 metro, cota a que se encontrou um espesso e compacto pavimento térreo argamassado. Este pavimento, de coloração originalmente amarelada, apresenta-se em quase toda a extensão descoberta com uma cor vermelha, que poderá ser devida a ter sido exposto ao fogo, como parece deduzir-se da uniforme camada de cinzas e carvões que o recobre.

A vala de fundação do embasamento dos alicerces das arcarias do claustro romperam o pavimento acima descrito, que apresenta ainda diversas “covas”, que terão servido para assentamento de andaimes. Nestes dois cortes foram identificados, incorporados nos alicerces, cinco fragmentos de elementos arquitetónicos com decoração esculpida de estilo românico.

À camada de incêndio sobrepõe-se uma camada de demolição de espessura variável, a qual foi recoberta com um aterro de regularização. Foi sobre este aterro, que durante algumas décadas

funcionou como nível de circulação térreo, que se colocou o pavimento lajeado do pátio do claustro.

Na banda nascente do corte CC.P.10, em toda a sua extensão, colocou-se a descoberto o sistema de drenagem das águas pluviais contemporâneo da pavimentação lajeada, composto aqui por uma caixa de receção e tubagem de condução das águas, formada por manilhas tubulares de cerâmica, simplesmente assentes no aterro.

O espólio recolhido é exclusivamente cerâmico. Destacam-se alguns azulejos de tipo "hispano-árabe", com cronologias em torno de finais do século XV / princípios do século XVI. Nas cerâmicas domésticas identificam-se fabricos comuns tardomedievais e modernos e algumas faianças tardias.

Tal como nos cortes CC.P.4 e 5, por razões de segurança, relacionadas com a excessiva pluviosidade deste Inverno, estes dois cortes foram protegidos com tela geotêxtil e novamente aterrados com terra, para evitar a infiltração de águas sob os alicerces das arcarias do claustro.

Corte CC.P.50 – Este corte situa-se ao centro do lado Este do pátio e foi escavado até à rocha, que aqui aflora a menos de 30 centímetros de profundidade, fornecendo um importante e diversificado conjunto de dados.

Começando pelos de época moderna, refira-se o troço de canalização de drenagem de águas pluviais colocado a descoberto na banda nascente do corte, em toda a sua extensão – é semelhante aos já descritos em CC.P.5 e 10; apresenta-se igualmente entupido com terra e com fraturas na tubagem; com pendor para Sul, drenava as águas recolhidas pela caixa de receção existente um pouco a Norte, conduzindo-as para a saída que atravessa o subsolo da ala nascente do claustro na zona da antiga enfermaria (*sala do presépio*).

Parcialmente truncadas pela implantação do alicerce da arcaria, pela caixa de acondicionamento da drenagem e pela colocação do lajeado do pátio, identificaram-se três sepulturas:

- Uma em caixa pétreia definida por dois alinhamentos divergentes de blocos de pedra toscamente afeiçãoada, diretamente assente no xisto. Conservou-se apenas a metade nascente, tendo o topo dos pés sido rompido pelo murete da canalização. Não apresentava qualquer vestígio de cobertura, que deve ter sido removida pela colocação do lajeado. O interior continha apenas terra.
- Duas escavadas no xisto, conservando-se a metade poente (cabeceira) ainda com as coberturas de lajes. Foram ambas cortadas pela implantação do alicerce setecentista do claustro, que destruiu a parte correspondente aos pés. Decapou-se apenas a da zona central do corte – apresentou uma caixa sepulcral com 0,40 metros de profundidade, cuidadosamente escavada na rocha, desenhando uma forma tipo banheira de cabeceira arredondada, de paredes lisas. Só continha terra.

Embora de tipologias distintas, estas sepulturas aceitam uma cronologia medieval, admitindo-se porém, pelo posicionamento estratigráfico, uma maior antiguidade para as escavadas na rocha.

Na banda Norte do corte identificou-se um profundo recorte no solo natural, aterrado com cerca de 1 metro de terras. Com direção O / E, no mesmo alinhamento de idêntico recorte identificado no corte CC.P.1 da escavação de 1994, interpretamos este recorte como correspondendo

à vala de fundação de uma parede relacionável com a zona claustral medieval.

Relativamente ao espólio, exclusivamente cerâmico, deve notar-se apenas a sua escassez e modernidade.

Corte CC.P.91 – Localizado no canto SO do pátio do claustro, este corte foi escavado até à rocha, que aqui aflora logo por baixo do lajeado. Em alguns pontos chegou mesmo a afeiçãoar-se o xisto para receber lajes mais espessas do pavimento.

Para além de um pequeno recorte circular escavado no canto SO, que poderia servir, eventualmente, para facilitar a infiltração de águas pluviais não drenadas, nada mais se registou.

Corte CC.P.95 e 96 – Estes cortes situam-se ao centro do lado Sul do pátio e foram escavados até à rocha, que aqui aflora a pouca profundidade.

Foi decapado primeiro o corte CC.P.95, identificando-se no lado nascente, em toda a sua extensão e no sentido N / S, a tubagem de adução de água ao chafariz que adorna o centro do claustro – uma vala estruturada por duas paredes paralelas, em alvenaria de blocos de pedra, acondiciona um tubo de chumbo, ainda em bom estado de conservação. A cobertura desta vala é feita por lajes do pavimento. No topo Sul do corte reconheceu-se uma vala de verificação recente da canalização.

À implantação desta estrutura de adução de água está associada uma espessa camada de aterro que selou um largo recorte escavado na rocha, que se desenvolve também para Norte, com uma derivação ortogonal no lado Sul. Pelo alinhamento com o alicerce identificado no lado oposto do claustro, no corte CC.P.5, e pela sua

posição inferior na sequência estratigráfica, interpretamos este recorte como correspondendo à vala de fundação de uma parede relacionável com a zona claustral medieval.

No corte CC.P.96, contíguo pelo lado nascente, identificou-se apenas parte da canalização de drenagem de águas pluviais, com as características já descritas noutros cortes. De notar apenas que nesta zona essa canalização vem da parte central do pátio, virando depois para Este em direção à boca de saída que conduz as águas pelo subsolo da ala nascente do claustro.

O espólio, exclusivamente cerâmico, é escasso e moderno.

Corte CC.P.91 – Localizado no canto SE do pátio do claustro, este corte foi escavado até à rocha, que aqui aflora a pouca profundidade.

Registou-se apenas o achado de um fragmento de canalização em chumbo, sem qualquer contexto. A ausência de canalização de drenagem de águas sob o lajeado sugere que, nesta zona, se considerou suficiente a inclinação do pavimento para escoar as águas até à caixa de receção que se localiza poucos metros a Norte.

Corte CC.G.18 – Este corte situa-se ao centro da galeria nascente do claustro, abrangendo os espaços tumulares numerados com os números 118, 119 e 120.

Decaparam-se apenas os sedimentos que enchiam as covas sepulcrais, suspendendo-se a escavação ao nível do aparecimento das urnas de madeira, que se deixaram intactas. Estas encontraram-se a uma profundidade média de 1 metro e correspondem aos enterramentos mais recentes. As terras que os recobriam incorporavam diversos fragmentos de ossos humanos, testemunhando a reutilização sucessiva

daqueles espaços para enterramentos. Registe-se a identificação, na "sepultura" n.º 120, de quatro pequenos ataúdes de madeira, correspondentes aos enterramentos de quatro crianças.

Verificada a ausência de infiltração de águas pluviais e a solidez e estabilidade dos pilares de granito que sustentam as guias de pedra que desenham o pavimento das galerias do claustro, procedeu-se ao aterro da área escavada. Os fragmentos de ossos humanos que haviam sido recolhidos foram novamente depositados nas respectivas covas, isolando-se tudo com tela geotêxtil.

O espólio recolhido é escasso: algumas contas de rosário e fragmentos de cerâmica, predominando faianças dos inícios deste século.

Síntese - Para o conjunto dos cortes escavados, importa destacar a identificação de vestígios associáveis à ocupação medieval, particularmente os correspondentes a enterramentos que, como era prática corrente, se faziam também na área claustral do mosteiro.

Interessa também referir a sistemática reutilização da silharia da edificação medieval nos alicerces das paredes do século XVII, como evidenciam bem os elementos de decoração arquitetónica de estilo românico que se identificaram nos cortes CC.P.9 e 10.

Já relacionado com a ocupação moderna do mosteiro, deve referir-se a identificação do nível de circulação térreo que antecedeu a colocação do pavimento lajeado no claustro, bem como a descoberta de troços significativos da drenagem do pátio do claustro, que permitem reconstituir a totalidade do seu traçado.

Para a compreensão do modelo de implantação do edificado, tem interesse referir os aspetos relacionados com o impacte na

topografia do terreno das sucessivas ampliações do mosteiro – a construção medieval coroava um pequeno promontório, que veio a ser aplanado e expandido, com recurso a volumosos aterros e fortes muros de contenção de terras, para nascente, Norte e poente. A parte do mosteiro medieval que ocupava a plataforma central do outeiro, coincidente com o atual espaço do claustro do cemitério, praticamente desapareceu, pois toda esta zona foi rebaixada para ganhar cota de implantação. Mesmo assim foi necessário conquistar espaço às vertentes, o que se fez com recurso a aterros, sob os quais se vieram a conservar, ainda que parcialmente, restos significativos da construção medieval.

3 - Considerações Finais

Os resultados obtidos confirmaram amplamente as expectativas iniciais, revelando-se particularmente importantes na zona Norte do pátio do claustro, onde se identificaram, sob o pavimento lajeado, restos de alicerces, paredes, pavimentos e sepulturas de época medieval.

Neste momento está já disponível a informação arqueológica necessária à elaboração dos projetos de consolidação estrutural e drenagem do claustro. Em nossa opinião, este último deve ser suficientemente flexível, ao nível do traçado, para possibilitar alterações, em obra, em função da existência de vestígios arqueológicos.

Tal como já tivemos oportunidade de informar o Prof. Eng. Raimundo Delgado (responsável pelo projeto de intervenção, ao nível da engenharia, para o claustro do cemitério), a drenagem antiga é irrecuperável. A nova rede de drenagem deverá vazar as águas para o claustro do refeitório, atravessando a galeria Sul na zona central, aproveitando a vala estruturada aí existente.

É por isso fundamental proceder previamente à escavação arqueológica de toda a metade setentrional do pátio do claustro, tendo em vista determinar o local mais adequado à implantação da nova conduta de drenagem.

Com os dados disponíveis, ainda não é possível propor uma reconstituição da planta medieval do mosteiro de S. Martinho de Tibães. Julgamos que a escavação da metade setentrional do claustro, como está previsto, fornecerá elementos novos e fundamentais para ensaiar tal reconstituição.

Todo o espólio recolhido nesta campanha de escavações arqueológicas recebeu já os tratamentos preliminares de lavagem, limpeza, marcação e acondicionamento, encontrando-se depositado nas instalações do Museu do Mosteiro de S. Martinho de Tibães.

Braga / Tibães, Fevereiro de 1998

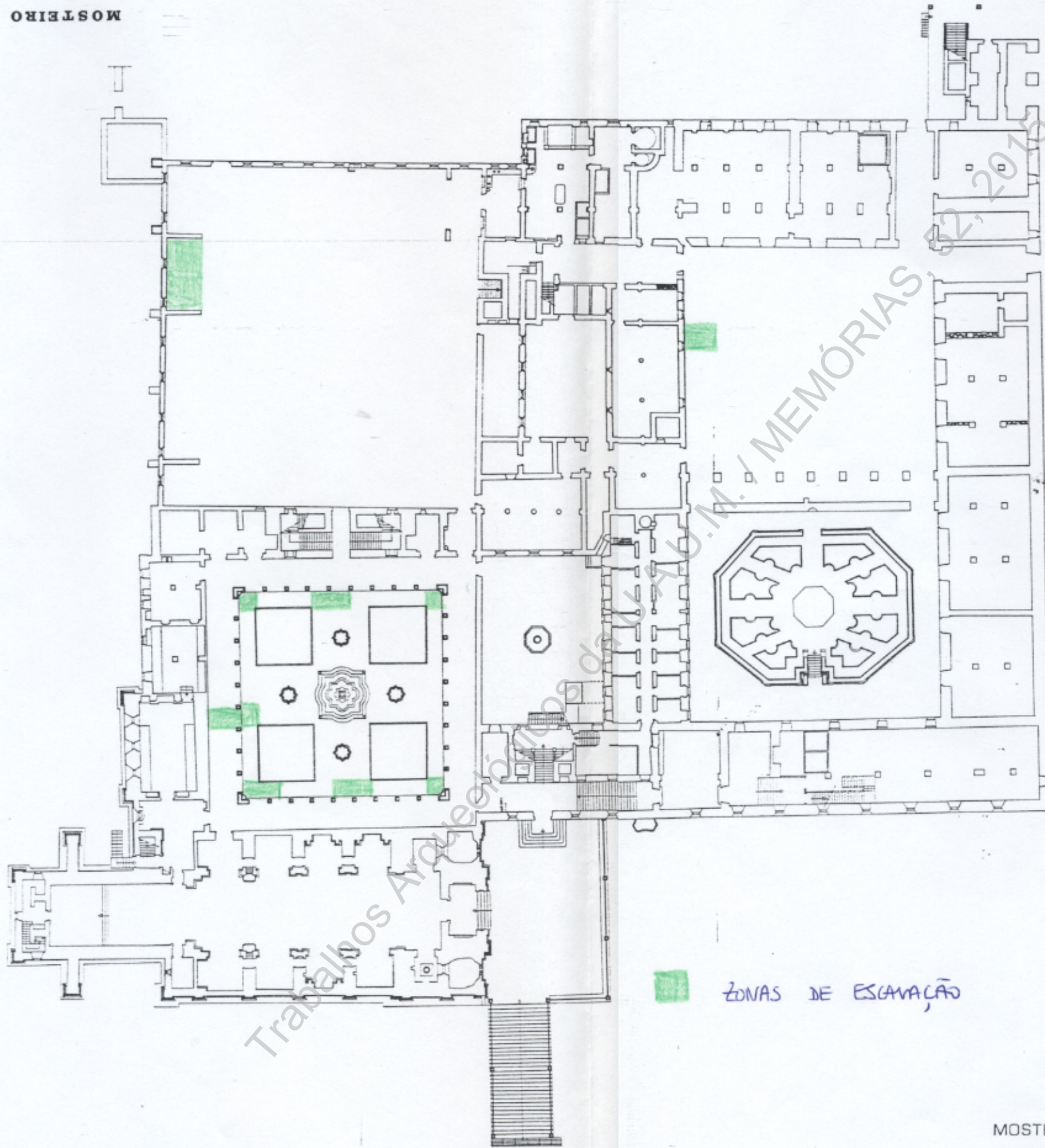
Luís Fernando de Oliveira Fontes
(Arqueólogo - UAUM)

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. MEMÓRIAS, 52, 2015

Ilustrações
(plantas)

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 52, 2015

MOSTEIRO DE TIBÃES
PLANTA DO PISO 2



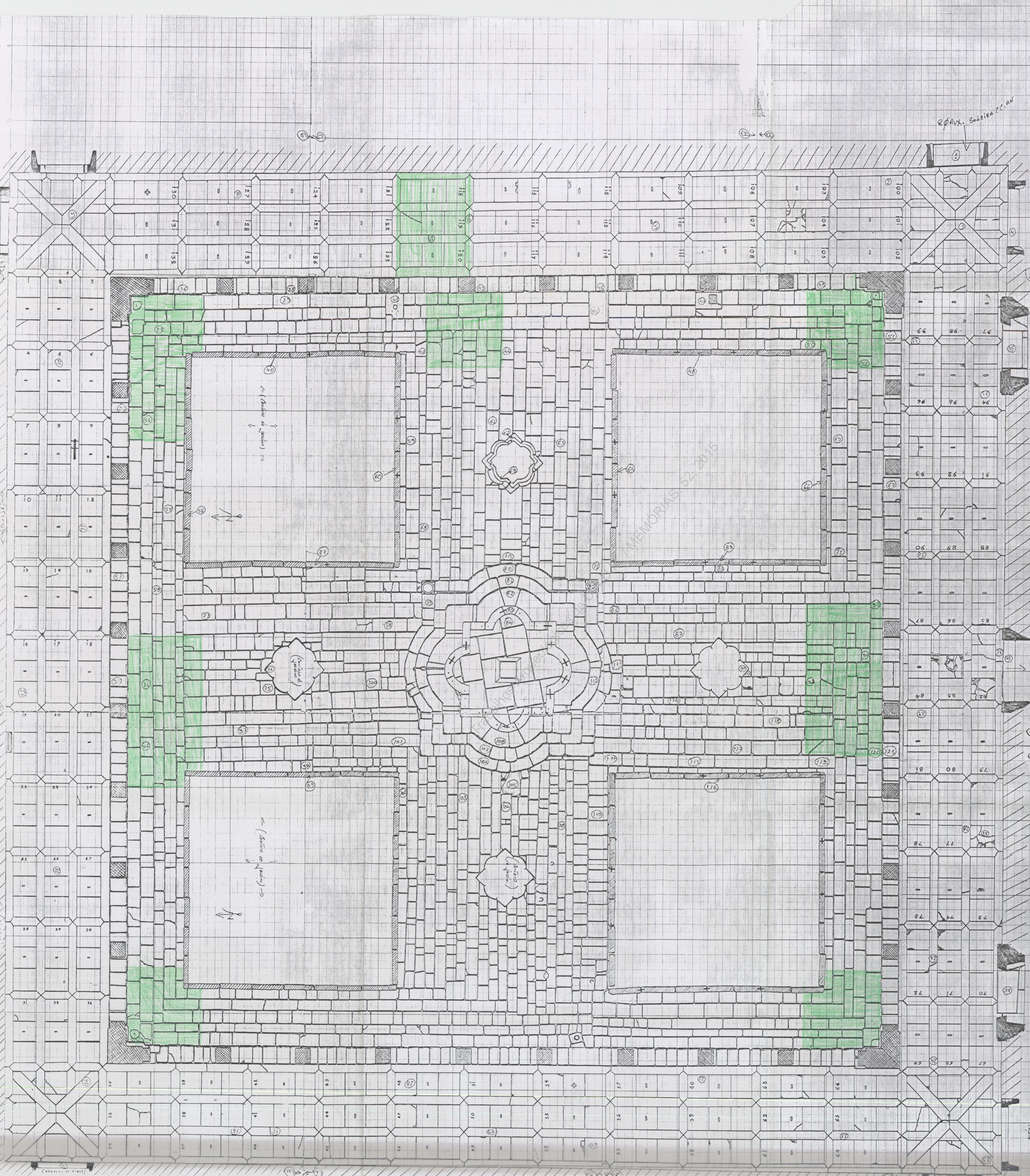
ZONAS DE ESCAVAÇÃO



MOSTEIRO DE TIBÃES
PLANTA DO PISO 2



FIG. 1



1	= -0,0	61	= +0,2	111	= +0,23
2	= +0,2	62	= +0,2	112	= +0,4
3	= +0,2	63	= -0,0	113	= +0,575
4	= +0,1	64	= -0,10	114	= +0,4
5	= +0,5	65	= +0,11	115	= +0,2
6	= +0,8	66	= -0,10	116	= -0,3
7	= +0,1	67	= +0,28	117	= -
8	= +0,12	68	= -0,11	118	= -
9	= +0,10	69	= +0,7	119	= -
10	= +0,12	70	= -0,10	120	= -
11	= +0,12	71	= +0,12	121	= -
12	= +0,12	72	= +0,14	122	= -
13	= +0,12	73	= +0,12	123	= -
14	= +0,12	74	= +0,12	124	= -
15	= +0,12	75	= +0,12	125	= -
16	= +0,12	76	= +0,12	126	= -
17	= +0,12	77	= +0,12	127	= -
18	= +0,12	78	= +0,12	128	= -
19	= +0,12	79	= +0,12	129	= -
20	= +0,12	80	= +0,12	130	= -
21	= +0,12	81	= +0,12		
22	= +0,12	82	= +0,12		
23	= +0,12	83	= +0,12		
24	= +0,12	84	= +0,12		
25	= +0,12	85	= +0,12		
26	= +0,12	86	= +0,12		
27	= +0,12	87	= +0,12		
28	= +0,12	88	= +0,12		
29	= +0,12	89	= +0,12		
30	= +0,12	90	= +0,12		
31	= +0,12	91	= +0,12		
32	= +0,12	92	= +0,12		
33	= +0,12	93	= +0,12		
34	= +0,12	94	= +0,12		
35	= +0,12	95	= +0,12		
36	= +0,12	96	= +0,12		
37	= +0,12	97	= +0,12		
38	= +0,12	98	= +0,12		
39	= +0,12	99	= +0,12		
40	= +0,12	100	= +0,12		
41	= +0,12	101	= +0,12		
42	= +0,12	102	= +0,12		
43	= +0,12	103	= +0,12		
44	= +0,12	104	= +0,12		
45	= +0,12	105	= +0,12		
46	= +0,12	106	= +0,12		
47	= +0,12	107	= +0,12		
48	= +0,12	108	= +0,12		
49	= +0,12	109	= +0,12		
50	= +0,12	110	= +0,12		
51	= +0,12	111	= +0,12		
52	= +0,12	112	= +0,12		
53	= +0,12	113	= +0,12		
54	= +0,12	114	= +0,12		
55	= +0,12	115	= +0,12		
56	= +0,12	116	= +0,12		
57	= +0,12	117	= +0,12		
58	= +0,12	118	= +0,12		
59	= +0,12	119	= +0,12		
60	= +0,12	120	= +0,12		

61	= -0,7	121	= -
62	= -0,4	122	= -
63	= -0,1	123	= -
64	= +0,32	124	= -
65	= +0,1	125	= -
66	= +0,5	126	= -
67	= +0,2	127	= -
68	= +0,3	128	= -
69	= +0,5	129	= -
70	= +0,28	130	= -
71	= +0,5	131	= -
72	= +0,32	132	= -
73	= +0,5	133	= -
74	= +0,1	134	= -
75	= +0,40	135	= -
76	= +0,4		
77	= +0,1		
78	= +0,28		
79	= +0,33		
80	= 0,0		
81	= 0,4		
82	= -0,6		
83	= -0,0		
84	= +0,7		

R. Aux. Sedeira C.C. AN

MEMORIAS 52, 2016

passagem para C.A.

Ilustrações
(fotografias)

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 52, 2015

Legendas

- 1 (TIB.620) – Corte CR.C.7. Fase intermédia da escavação, evidenciando pavimento em tijoleira.
- 2 (TIB.605) – Corte TSJ.1. Fase inicial da escavação.
- 3 (TIB.607) – idem. Fase intermédia da escavação.
- 4 (TIB.613) – idem. Estratigrafia no perfil Norte.
- 5 (TIB.612) – idem. Estratigrafia no perfil Oeste.
- 6 (TIB.614) – idem. Pormenor do alicerce da parede do *Noviciado*.
- 7 (TIB.617) – Corte CC.P.1. Vista do plano inicial.
- 8 (TIB.637) – idem. Fase intermédia da escavação.
- 9 (TIB.644) – idem. Fase intermédia da escavação evidenciando sobreposição de estruturas e revolvimento de sedimentos.
- 10 (TIB.656) – idem. Outra fase da escavação.
- 11 (TIB.840) – idem. Fase da escavação em que se interromperam as decapagens.
- 12 (TIB.844) – idem, outro ângulo.
- 13 (TIB.695) – Corte CC.P.4. Fase do levantamento do pavimento lajeado.
- 14 (TIB.728) – idem (a tabuleta indica, erradamente, CC.P.5). Plano final visto de Oeste.
- 15 (TIB.646) – Corte CC.P.5. Fase intermédia da escavação.
- 16 (TIB.672) – idem. Fase da escavação ao nível do aparecimento das sepulturas.
- 17 (TIB.724) – idem. Pormenor do enchimento da sepultura Norte.
- 18 (TIB.734) – idem. Plano final visto de Este.
- 19 (TIB.707) – Corte CC.P.9. Fase intermédia da escavação.
- 20 (TIB.715) – idem, evidenciando a decapagem da camada de incêndio.
- 21 (TIB.625) – Corte CC.P.10. Fase intermédia da escavação evidenciando a canalização oitocentista.

- 22 (TIB.678) – idem. Fase intermédia da escavação evidenciando o pavimento argamassado recoberto pela camada de incêndio.
- 23 (TIB.757) – Corte CC.P.9/10. Elemento arquitetónico com decoração de estilo românico, incorporado no alicerce setecentista do claustro.
- 24 (TIB.758) – idem.
- 25 (TIB.759) – idem.
- 26 (TIB.760) – idem.
- 27 (TIB.761) – idem.
- 28 (TIB.803) – Corte CC.P.50. Fase intermédia da escavação.
- 29 (TIB.823) – idem. Fase intermédia da escavação.
- 30 (TIB.830) – idem. Pormenor do enchimento da sepultura escavada na rocha.
- 31 (TIB.851) – idem, Vista do plano final.
- 32 (TIB.848) – idem. Idem, vista vertical.
- 33 (TIB.811) – Corte CC.P.91. Plano final visto de Nordeste.
- 34 (TIB.864) – Corte CC.P.95. Fase intermédia da escavação.
- 35 (TIB.867) – idem, outro ângulo.
- 36 (TIB.882) – idem. Vista do plano final.
- 37 (TIB.885) – idem, idem, vista vertical.
- 38 (TIB.913) – Corte CC.P.96. Vista do plano final.
- 39 (TIB.781) – Corte CC.P.100. Plano final visto de Este.
- 40 (TIB.789) – idem. Estratigrafia no perfil Norte.
- 41 (TIB.660) – Galeria Norte do claustro em dia de *Fiéis e Defuntos*.
- 42 (TIB.791) – Corte CC.G.18. Plano inicial.
- 43 (TIB.819) – idem. Fase inicial da escavação.
- 44 (TIB.873) – idem. Fase da escavação ao nível do aparecimento do ataúde na sepultura 119.
- 45 (TIB.640) – Elementos da equipa técnica de arqueologia em ação.
- 46 (TIB.667) – idem.
- 47 (TIB.683) – idem.
- 48 (TIB.641) – idem.



1



2



3



4

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 52, 2015



5



6

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 52, 2015



7



8





11



12



13



14



15



16



17



18







23



24



25



26



27



28

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 52, 2015



Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 52, 2015



31



32



MSMT 35
CC P91
PLANO FINAL



MSMT 38
CC P95
PLANO 4



35



36

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 52, 2015



37



38

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 52, 2015



39



40





43



44



45



46



Anexos Documentais
(fotocópias dos desenhos de campo)

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 52, 2015